

KQR00069

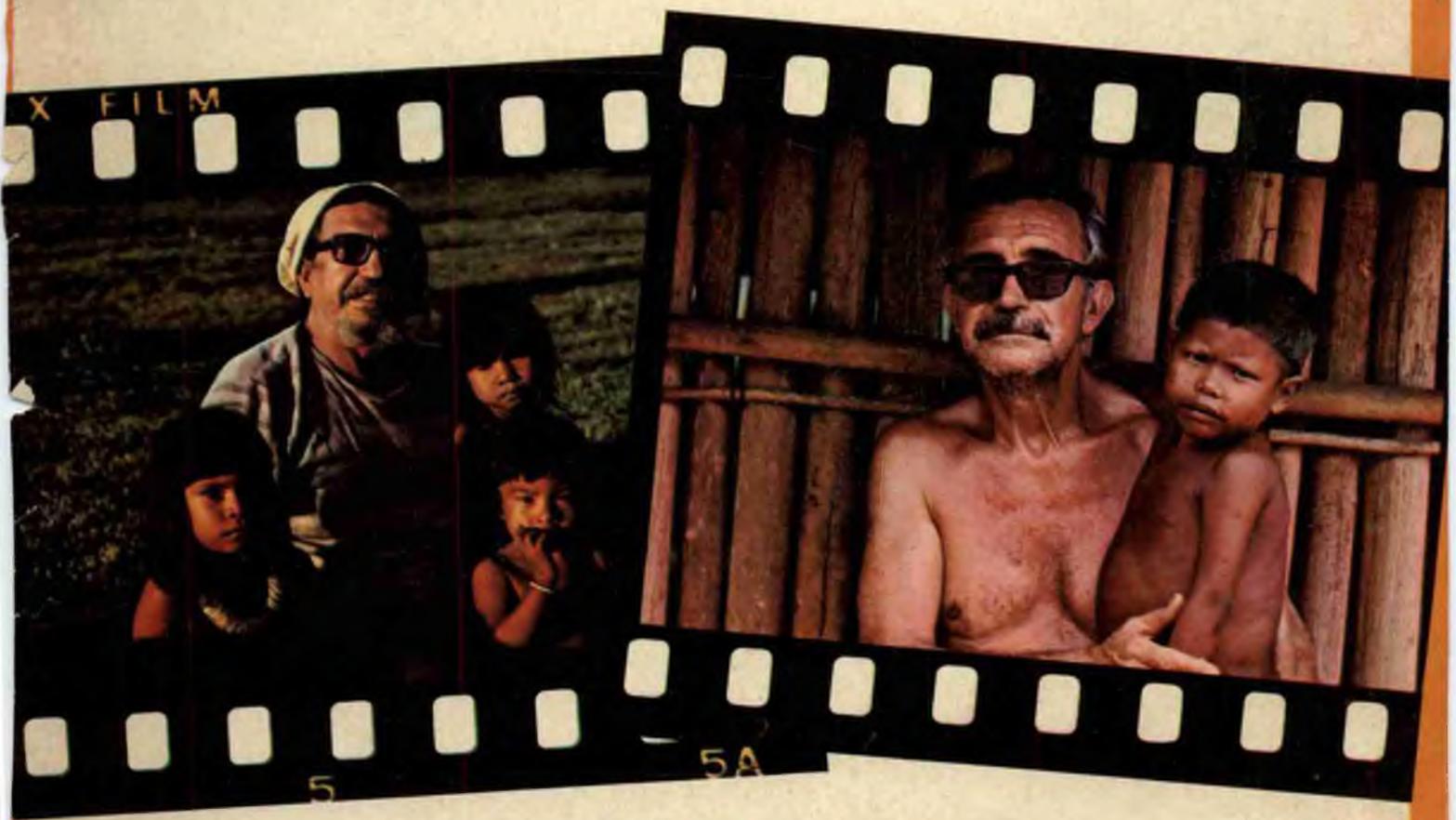
# visão

AS EXPORTAÇÕES  
BRASILEIRAS EM 75

10 DE FEVEREIRO DE 1975 Cr\$ 6.00

## Portugal: os militares e a crise

## Memórias dos irmãos Villas Boas



Os 32 anos de  
Cláudio e Orlando com os índios  
brasileiros

# Memórias de Orlando e Cláudio Villas Boas

Trinta e dois anos de vida na selva, narrados por Orlando Villas Boas a José Marqueiz. Fotos de Geraldo Guimarães.

**C**láudio, Leonardo e eu começamos a nos tornar sertanistas em 1941. A II Guerra Mundial ocupava as manchetes dos jornais, todo mundo tinha medo e nós estávamos sem rumo. Morávamos em São Paulo. Pessoas comuns, vislumbrávamos um futuro sem maiores perspectivas na cidade grande. Tudo ficaria muito distante dos nossos sonhos. Éramos gente do interior, nossos pais nos haviam ensinado a amar a terra. E nos fizeram ler livros sobre os bandeirantes Paes Leme e Raposo Tavares, além de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e *Viagem ao Araguaia*, de Couto de Magalhães.

Nossos pais: Agnelo e Arlinda. Ele nasceu em Campanha, Minas Gerais, em 1882. Ela, em Itapira, São Paulo, em 1888. Advogado, ele soube honrar a profissão. Também foi plantador de café, maçom grau 33 e ajudou a fundar o Partido Democrático em São Paulo. Enquanto teve saúde, sempre nos manteve em lugares tranquilos, rodeados de matas e rios. Fomos praticamente criados em contato pleno com a natureza, com toda liberdade.

Éramos onze filhos; Erasmo morreu em 1944, Nelson, em 1951, e Leonardo, em 1961. Continuam vivos Acrísio, Álvaro, Ana Terezinha, Maria de Lourdes, Cláudio e eu. (Os dois outros, Oswaldo e Aldamo, morreram pouco depois de nascer.) De todos, apenas Cláudio, Leonardo e eu decidimos viver no mato, num mundo diferente. Álvaro pertence hoje à Funai (Fundação Nacional do Índio), como funcionário burocrático.

Tivemos uma infância normal, como toda criança do interior. Nasci em 1914, no dia 12 de janeiro, em Santa Cruz do Rio Pardo. Cláudio, dois anos mais moço, nasceu no dia 8 de dezembro de 1916, em Botucatu, como Leonardo, nascido em 28 de março de 1918. Éramos adolescentes quando, doente, nosso pai vendeu a fazenda de café e deixou de advogar, mudando-se para São Paulo. Paramos de estudar e todos começamos a trabalhar para garantir o tratamento da hemiplegia que o afetava. De nada adiantou o nosso esforço e o dos médicos: no começo de 1941 ele morreu. Nossa mãe, envelhecida, morreu cinco meses depois.

Com sua morte, tudo mudou. Cláudio, Leonardo e eu tratamos logo de arrumar uma casa decente para nossos irmãos menores e de abandonar o velho casarão em que vivíamos, em Pinheiros. Com os demais irmãos instalados em outra residência, Cláudio, Leonardo e eu fomos morar numa pensão, na esquina

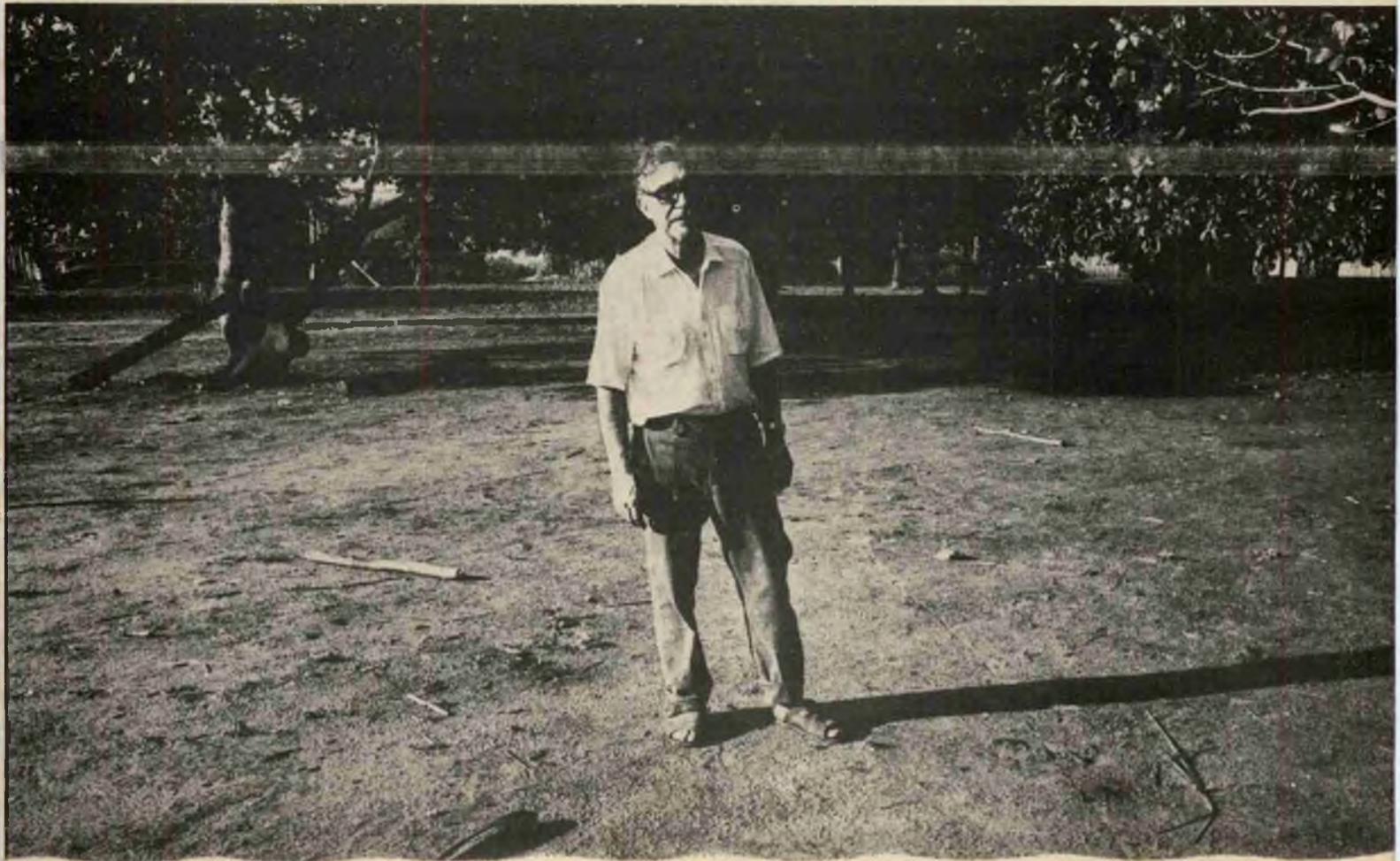
da Rua Marquês de Itu com a Bento Freitas. Cláudio entregava avisos da Prefeitura, Leonardo era funcionário de uma firma distribuidora de gás para geladeiras e eu trabalhava como escriturário da Esso. À noite, ficávamos lendo livros sobre sertões e discutindo nosso futuro. Cláudio era o mais entusiasmado: com um mapa do Brasil sempre à mão, falava da beleza e do mistério desse mundo oculto pelas florestas.

Foi quando o Governo decidiu criar a Expedição Roncador—Xingu, inicialmente denominada Expedição dos Martírios. Chamara a atenção das autoridades uma declaração do ministro francês Paul Reynaud, de que os vazios do Brasil Central poderiam ser ocupados pelas populações excedentes da Europa. Havia então o perigo de que realmente se concretizasse essa política de ocupação. A Expedição Roncador—Xingu nasceu com o objetivo de desbravar as regiões ainda desconhecidas entre o Brasil Central e a Amazônia. A responsabilidade pelo projeto foi entregue ao ministro João Alberto Lins de Barros. E, para sustentá-lo administrativamente, criou-se a Fundação Brasil Central.

Não tínhamos propriamente decidido integrar a Expedição Roncador—Xingu. O que queríamos era sair de São Paulo, a que nada nos prendia. Mas, embora quiséssemos voltar para o interior, não teria sentido voltar para o mesmo interior de onde havíamos saído. Resolvemos então partir para mais longe. Fomos até o Araguaia, onde procuramos o coronel Flaviano Matos Vanique, destacado por Vargas para chefiar a expedição Roncador—Xingu. O coronel, ex-chefe da guarda pessoal de Getúlio, nos recebeu mal. Para ele, éramos rapazinhos da cidade e o que ele queria eram sertanejos e analfabetos, se possível cangaceiros: gente da cidade, dizia, só iria dar trabalho. Segundo ficamos sabendo depois, o coronel Vanique havia sido designado para chefiar a expedição apenas porque brigara no Palácio do Catete e essa era uma excelente justificativa para transferi-lo.

Inconformados com a recusa do coronel, procuramos um engenheiro inglês, Frederico Lane, que nos aceitou. Cláudio e Leonardo foram os primeiros. Eu demorei mais um pouco, cerca de dois meses. E que não queria sair do emprego de mãos abanando, precisava de dinheiro para comprar armas de caça, de defesa, roupas adequadas, essa coisa toda que a gente julgava necessário para entrar no sertão.

**Cláudio (sem camisa) e Orlando estão quase aposentados, e não pretendem partir para novas grandes expedições. Cláudio e Orlando já foram indicados para o Prêmio Nobel da Paz de 1975.**





Leonardo, Orlando e Cláudio, em fotos de 1949, após oito anos de vida na selva



Muito mais tarde iríamos saber que tudo isso — capacetes de caçadores, facões, revólveres pendurados nas cintas — são coisas terrivelmente supérfluas e perfeitamente dispensáveis.

A Expedição Roncador—Xingu partiu de São Paulo com muitas recomendações oficiais de economia: estávamos em plena guerra. Para integrar a expedição, convidaram um sertanista de São Paulo, Francisco Brasileiro, que trouxe alguns amigos conhecedores do rio das Mortes. E foram eles que conseguiram do Governo do Estado três vagões para levar a carga até Uberlândia, então considerada a "Boca do Sertão". As damas paulistas trouxeram uma bandeira do Brasil bordada a ouro e Godofredo da Silva Telles fez um discurso muito bonito na hora da partida. Assim, marchamos para o Oeste.

Nessa marcha para o Oeste, imaginávamos coisas extraordinárias. O ministro João Alberto, por exemplo, sonhava com um Vale do Araguaia completamente saneado, com toda assistência médico-educacional. Enquanto isso, nascia às margens do rio Araguaia uma cidade enorme, que se chamava Barra do Garças e que mais tarde iria se chamar Aragarças, junção dos nomes dos rios Araguaia e das Garças. Adiante, a uns 80 ou 90 km, existia uma serra — a que demos o nome de serra Azul — e, no socavão dessa serra, João Alberto pretendia criar uma colônia agrícola experimental, uma espécie de fazenda-modelo, para abastecer a recém-fundada Aragarças. João Alberto dizia: "Vamos fazer uma ponte sobre o rio e depois abrir uma estrada até o Vale dos Sonhos, onde fica a serra Azul". E imaginava médicos e professores descendo o Araguaia em barcos apropriados, levando às populações ribeirinhas todo tipo de assistência.

A ponte sonhada por João Alberto existe. Chama-se Ponte João Alberto e fica sobre os rios Araguaia e das Garças. O Vale dos Sonhos não chegou a ser a grande fazenda de seus planos, mas aquelas terras valorizaram muito e a pequena vila ao lado do rio se transformou numa das cidades mais prósperas de Mato Grosso: Barra do Garças.

Hoje, podemos dizer, sem dúvida alguma, que a Expedição Roncador—Xingu foi o que justificou o estabelecimento efetivo de Brasília. A estrada Belém—Brasília, a Brasília—Cuiabá e a própria Transamazônica, surgiram da Fundação Brasil Central. E é uma pena que a Fundação tenha sido marginalizada. Todos aqueles que participaram da Expedição Roncador—Xingu e da Fundação Brasil Central foram desconsiderados pelo poder público.

Dezembro de 1943. A Expedição Roncador—Xingu tinha duas maneiras de chegar ao rio das Mortes no ponto estabelecido: uma, caminhando por uma picada, atravessando a cidade de Barra do Garças, sempre para o norte, numa distância de 170 km; outra, descendo o Araguaia 600 km e, depois, subindo o rio das Mortes mais 600 km. Uma parte da expedição seguiu por terra: Cláudio e Leonardo acompanharam esse grupo. Eu fiquei com o coronel Vanique. Utilizando um barco a motor, descemos o Araguaia até a ilha do Bananal, onde existe uma pequena localidade chamada São Félix. Ali iniciamos a subida do rio das Mortes, em cuja margem esquerda viviam os perigosos Xavantes. Descemos o Araguaia e subimos o rio das Mortes em 28 dias. Quando chegamos ao lugar que hoje é Xavantina encontramos o pessoal que vinha por terra.

No rio das Mortes instalou-se a base principal da expedição Roncador—Xingu, que foi visitada, em fins de 1944, pelo presidente Getúlio Vargas e por Eurico Gaspar Dutra, então ministro da Guerra. Depois, atravessamos o rio das Mortes, no dia 12 de junho de 1945. Foi aí o verdadeiro início da expedição. Entramos então na zona dominada pelos Xavantes, a 6 km da margem do rio. Encontramos um acampamento de caça. Os Xavantes costumavam fazer acampamentos de caça nas várzeas para surpreender melhor os animais. Suas aldeias eram mais extensas. Uma delas ficava em torno de uma lagoa: 22 casas em forma de cone, muito bonitas, numa área seca e alta. Os Xavantes não têm mais essas terras: ali é hoje uma fazenda particular.

### Os ajudantes

Levávamos dezesseis homens, todos recrutados no garimpo. Muitos haviam entrado na expedição para fugir da polícia. Tínhamos homens com dezoito, dezesseis mortes — o mais pacífico tinha oito mortes, chamava-se Antenor. Todas as noites, fazíamos uma roda de viola em volta de uma fogueira e ficávamos conversando, contando coisas do Brasil, falando de índios, para acabar com a noção de que o índio era um sujeito mau e destruidor. Isso deu tão certo que esses homens se transformaram nos melhores assessores que tínhamos para lidar com os índios.

Certa feita, numa tarde, ouvimos um alarido muito grande na margem direita da picada. Cláudio subiu num cupim e viu um grupo numeroso de índios correndo em nossa direção, camuflados por folhas de palmeira de piaçava. Fizemos uma descarga para o ar com os mosquetões. A gritaria parou e não tivemos mais nenhum incidente de importância.

Observamos que cada vez que parávamos para fazer um trabalho — montar um posto ou abrir um campo de pouso — os índios reagiam. Tentavam atacar. Quando reiniciávamos a marcha, nos acompanhavam a distância mas não nos hostilizavam. É claro: os índios só se preocupavam quando pensavam que iriamos nos fixar nas suas terras.

### A fuga dos xavantes

Foi nessa época — de agosto a setembro de 1945 — que construímos o primeiro campo de pouso na área xavante — o Campo dos Índios. Ficamos acampados nessa área quase dois meses e, numa encosta da serra, encontramos uma roça de cabaça, com muito pouco milho e umas cabanas em mau estado. Eram barracas de caça, onde estavam guardados muitos artefatos, arcos e flechas. Os índios devem ter fugido com a nossa aproximação, sem tempo de levar as armas, ou então foram embora, deixando, inadvertidamente, seus apetrechos de caça. Deixamos tudo como encontramos — e ainda alguns presentes — e continuamos a marcha.

Adiante, abrimos mais dois campos — Sete de Setembro e Garapu. Já havíamos alcançado o rio Sete de Setembro. Bastava descê-lo para chegar ao Kuluene, um rio caudaloso. Também podíamos alcançá-lo por terra: decidimos usar as duas vias. No posto Garapu fizemos a primeira canoa, que ficou com o nome de Carmem Miranda, porque era muito bonita.

Logo encontramos um afluente à esquerda, que batizamos com o nome do chefe da expedição, coronel Vanique. Vencemos o afluente e chegamos ao grande rio Kuluene no segundo dia de viagem. Kuluene abaixo, surgiram na barranca alta da direita os índios Kalapalo. Gritos e correrias marcaram o nosso primeiro encontro com eles. Quando tentamos nos aproximar fugiram para dentro da mata. Recuamos. Não forçamos de maneira alguma o contato. Nem tínhamos intenção de atraí-los. O objetivo da expedição era desbravar a mata, localizar rios e abrir campos de pouso para exame posterior da área. Mas nosso primeiro contato com os índios do Xingu foi assim: o índio que chefiava o grupo, Yakumba, aproximou-se com sua mulher, Kerezo. (Kerezo era de origem Yaruma — uma tribo extinta ou desconhecida nessa área do Brasil Central. Kerezo foi a única mulher Yaruma

que vimos.) Quando Yakumba se acercou, os demais índios foram chegando, devagarinho, resabiados e prevenidos. Tornamo-nos amigos. Cláudio, o "Pero Vaz" da expedição, escreveu sobre os Kalapalo: "... andávamos entre eles tão tranqüilos, quanto eles entre nós". Consolidado o contato e construído o posto, deixamos ali um grupo de homens, sob a chefia de Aires Câmara Cunha e seguimos viagem.

Sabíamos da existência dos índios Txukarramãe, a quem os Kalapalo chamavam Aveotó ou Suyá-Cati. Tratava-se, segundo eles, da tribo mais numerosa e perigosa de toda a região. Diziam os Kalapalo que os Aveotó não usavam arcos nem flechas, apenas lanças e tacapes. Também não tinham morada fixa. Os Kalapalo até nos aconselharam a não descer o rio Xingu. Só mais tarde ficamos sabendo que Txukarramãe é uma palavra da língua Juruna que significa "desprovido de arco".

Quando descíamos o Kuluene, já encorpado com as águas dos rios Tanguro e Kurizevo, avistamos canoas em fuga. Saímos no encalço. Eram os Kamayorá: batiam no peito, gesticulavam, apontavam em certa direção que, sabemos mais tarde, era a sua aldeia. Fomos até lá. De início, só conseguimos provocar tumulto. Os velhos, porém, mandaram os moços guardar os arcos e as flechas que vinham agitando. Breve, saímos juntos com muitos deles. Queríamos encontrar uma terra alta e firme para erguer um novo posto. Encontramos, no lugar que chamavam Iacaré. Foi aí, em 1947, que erguemos o posto mais importante, com campo de pouso maior, ladeado por muitos ranchos de pau-a-pique.

Até então, a Expedição Roncador—Xingu vinha funcionando apenas como vanguarda da Fundação Brasil Central, com a missão específica de desbravar terras a serem colonizadas. Estávamos ainda no Iacaré quando recebemos nova incumbência: abrir campos de aviação no rumo de Manaus.

O Iacaré — ou Jacaré — o quinto campo construído, seria daí para a frente a "retaguarda próxima", o ponto de apoio da nova arrancada. Combinamos então que Leonardo, o mais moço, ficaria para cuidar do apoio à vanguarda e assistir os índios da região: Kamayorá, Iaualapiti, Meinaco, Waurá, Trumai e Aueti, com os quais mantivemos contato fácil e bastante amigável.

O objetivo da expedição passou a ser o rio São Manoel ou Telles Pires, principal formador do caudaloso Tapajós. Foi necessário abrir mais um campo de pouso à margem direita do Xingu: o Diauarum. Dali partimos para o contato com os índios Juruna, canoieiros que usam uma flor de bananeira brava colada na testa, e depois com os Suyá e os Txukarramãe, gente de botoque.

Tivemos dois contatos com os Juruna. O primeiro falhou. Descíamos o Xingu e, abaixo

«Quando tentamos nos aproximar, fugiram para a mata. Recuamos. Não forçamos nenhum contato.»



"Nossa recompensa", diz Orlando, "é a simpatia com que nos recebem em todos os lugares"



da foz do rio Maritsauá, vimos um acampamento na praia, muito bonito. Fomos até lá e os índios fugiram em canoas. Saímos com nosso barco a motor atrás de uma canoa com dois índios. Quando perceberam que estavam sendo perseguidos, encostaram a canoa na margem e fugiram pela mata. Mas outra canoa continuou descendo o rio e fomos atrás. Quando perceberam que não conseguiriam chegar na margem antes de nós, fugiram a nado. Por azar, o motor do nosso barco começou a falhar e encostamos numa ilha, onde passamos a noite, cercados pelos índios, que imitavam sons de passarinho e bichos.

Na manhã seguinte, não havia mais sinais de índios. Partimos, com o barco mal funcionando, em direção à praia onde estiveram acampados. Não deixamos ninguém tirar as coisas que haviam deixado. Os Juruna, como observamos, moravam em terra firme, no continente, mas, na época da seca, construíam casas "de verão" nas praias, onde ficavam conversando o dia inteiro. Uma vida gostosíssima. Mas nosso barco quebrou de vez e voltamos de zinga, varejão, e demoramos dezoito dias para chegar ao posto Jacaré.

Retornamos nesse mesmo ano e encontramos os Juruna na foz do rio Maritsauá. Largamos os demais homens e fomos, Cláudio, eu e um pretão enorme. Quando chegamos na beira da praia, os Juruna não deixaram a gente se aproximar. Ficamos dentro da água mais ou menos quatro horas. Eles, com o arco retesado em nossa direção. Conosco também estava um índio chamado Tamaku, de origem Juruna. Começamos a gritar e nada dos Juruna facilitarem a aproximação. Até que Tamaku lembrou seu nome Juruna, Xatuná. Aí começamos a gritar "Xatuná, Xatuná, Xatuná". E Xatuná batia no peito. Os Juruna jogaram então seus arcos e nos chamaram. Quando chegamos perto, correram para o mato. Ficou só um índio, chamado Pauydê, com um facão. Ele pegou na ponta do facão, jogou-o para trás e nos

deu uma flecha com a pena virada para o nosso lado, o que significava amizade. Mas Pauydê ficou horrorizado com nosso companheiro preto. Queria que o lavássemos até ficar branco. É que os Juruna eram inimigos dos Txukarramãe, que sempre guerreavam pintados de preto.

Voltamos para Jacaré, onde recebemos uma carta do coronel Vanique, que estava em Xavantina, mandando que regressássemos. Respondemos que isso seria o fracasso da expedição. Pouco tempo depois, o presidente Eurico Gaspar Dutra ordenou que o coronel fosse revertido ao Exército. Passei então a chefe da Expedição Roncador—Xingu. Minha primeira providência foi nomear Noel Nutels médico-chefe da expedição.

Durante dois anos, 1949 e 1950, andamos "furando" a mata fechada, até que avistamos as águas do São Manoel ou Telles Pires. Novos índios surgiram: os Kayabi. O contato foi pacífico, apesar dos Kayabi serem matreiros. Quando estávamos nos aproximando deles, apareceu uma canoa rio acima, com índios vestidos, que vinham fugindo porque — soubemos depois — haviam matado um encarregado do posto. Quando nos viram, levaram um susto danado, mas foram eles que acabaram servindo de intermediários entre nós e os demais membros da tribo.

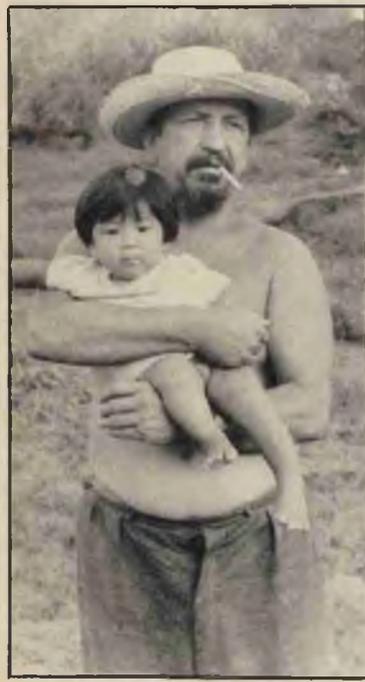
### Em Cachimbo

Pacificados os Kayabi, começamos a fazer um novo campo, a 5 ou 6 km da margem do rio. O trabalho foi bastante cansativo. Cláudio e eu, que ficamos à beira do rio, toda manhã levávamos comida para preparar no local: peixe, mutum. Um dia acabou o alimento. Nossos burros haviam morrido no caminho e uma carga de 60 quilos ficara bem longe. Todo dia a gente buscava um pouco. Finalmente, resolvemos ir de canoa. Eu caí numa cachoeira e quebrei a perna. Fiquei dois dias na mata, com a perna para cima, amarrada no cipó, comendo carne de macaco. Uma vez, matamos um macaco bastante grande. Colocamos o macaco no jirau, fizemos o fogo e fomos tomar banho. Quando voltamos, o fogo estava apagado. A noite caiu. Não tínhamos fósforo. E a fome aumentava. Achamos que o macaco devia estar assado. Comemos as partes mais quentes. De manhã, quando acordamos, vimos que estávamos sujos de sangue — tínhamos comido o macaco cru. Mas não fez mal nenhum.

Em 1951, abrimos um pequeno campo de aviação em Cachimbo. Voltamos ao rio Telles Pires e começamos a preparar um avião para descer em Cachimbo. Saímos, Cláudio, Leonardo e eu, num avião pilotado pelo hoje brigadeiro Leal Neto. Depois de 22 minutos, o avião entrou em pane e começou a cair. Houve aque-



Orlando e um Tupinambá (1946); Cláudio no Posto Leonardo: a vida na selva



la gritaria toda. Nosso avião não tinha bússola. Na frente, outro avião nos mostrava o caminho. Tínhamos transmissor mas não receptor. Apesar de estar muito nervoso — como todos nós — Leal Neto conseguiu controlar o avião. Ainda assim, batemos nos arbustos e caímos no campo. Saímos do avião correndo e começamos a rolar no chão de alegria. Aí ouvimos gritos: “Me tirem daqui”. Era Leonardo. Ele continuara preso no avião.

Em Cachimbo, a quantidade de mosquitos era de enlouquecer. Trabalhávamos encapuçados, cobertos por um saco de estopa com abertura para os olhos, como os membros da Ku Klux Klan. O calor também era terrível. A única solução foi trabalhar de madrugada.

Ficamos noventa dias para fazer o campo de Cachimbo. Sem comida, começamos a imitar os índios para caçar. Pôr fogo no mato, a fim de que a caça corresse para a beira do rio. Certo dia, botamos fogo numa várzea e começamos a caminhar, quando vimos algo se mexendo. Era um veadinho que tentara atravessar o fogo, queimara o casco e não podia andar. Cláudio e eu pegamos o animal e o levamos para a beira do rio. Demos-lhe um pouquinho de água e preparamos uma padiola para trazê-lo. Antes, resolvemos caçar. Cinco minutos mais tarde, voltamos e não encontramos nem sinal do veadinho. A padiola estava vazia. Era espantoso, porque, naquelas condições, ele não podia andar. Quando contamos o caso para os índios, não se admiraram: o veadinho era Mamaé, disfarçado. Mamaé, segundo eles, é o Espírito.

Terminado o trabalho em Cachimbo — uma etapa demorada e penosa — arrancamos para uma longa expedição ao rio Arinos, à procura de um grupo arredio de índios Kayabi — chamados Tatuê — portadores de uma estranha doença de pele. Pretendíamos trazer um deles para ser examinado no Instituto Manguinhos, no Rio, como queria o médico Noel Nutels. Durante 32 dias, descemos o Telles Pires e subimos o rio Iaravan, atravessamos o espigão e fomos pegar água no rio Arinos. Levamos um velho conosco, como guia. No trigésimo

segundo dia, ele fugiu. Prepori, um índio que nos acompanhava, disse que o velho, antes de nos abandonar, lhe havia ensinado o restante do caminho. Chegamos, escolhemos um local e abrimos um campo de aviação. Ficamos pensando como atrair os índios, pois sabíamos que eram bravos. Resolvemos chegar perto da aldeia. Fizemos uma fogueira. Quando a fumaça começou a subir, Prepori avisou: “Vamos fugir que eles vêm vindo”. Começamos a correr e, de repente, topamos com um rio com 30 metros de largura. Cortamos o rio a nado. Levamos dois dias para voltar. Quando chegamos à beira do acampamento, ouvimos índios gritarem. Eram os Tatuê. Felizmente, para nossa surpresa, o contato foi pacífico. E entre eles havia um com a doença de pele.

Em novembro e dezembro de 1953, voltamos a procurar os Txukarramãe. Fomos encontrá-los na barranca do rio Xingu. Havia seis deles, todos botocudos. Ficamos longo tempo nos olhando. A cada passo que dávamos em sua direção, eles recuavam outro tanto. Mas, entre os índios, sempre há um mais corajoso, que se aproxima. Estávamos com um barco a motor ancorado abaixo da barranca e um Txukarramãe resolveu passear de barco. Seu nome era Krumay. Logo foi seguido por outros dois. Depois de algumas voltas pelo rio, tomamos o rumo do Jacaré. Eles se assustaram, ficaram até revoltados. Mas fomos conversando, procurando distraí-los. Paramos numa praia e matamos dois mutuns. Fizemos um para nós e lhes demos o outro, para preparar como quisessem. O mutum precisava de quatro horas para cozinhar. Mas, meia hora depois, os índios resolveram comer o mutum, ainda cru, com areia e tudo.

### Entre os Txukarramãe

No posto, onde ficaram uns quinze dias, acostumaram-se a comer mutum cozido com farinha. Finalmente, enchemos o barco de presentes e descemos. A tribo nos recebeu muito bem. Trouxeram bananas, de um tipo que hoje não existe mais: tinham uma casca tão dura que precisava ser quebrada a machado. Começamos então a freqüentar as aldeias dos Txukarramãe.

Nessa viagem, levamos presentes para homens e mulheres. Mas poucos presentes para as mulheres. Havia uns trezentos a quatrocentos índios na beira do rio e outros no interior da mata. E eles queriam que fôssemos chamá-los. Estávamos com Kritão, um índio bastante forte. Impusemos uma condição a Kritão, que nos servia de guia: os índios deviam acompanhar-nos até as outras aldeias na mata, onde diziam haver mais uns duzentos ou trezentos índios, para não pôr em jogo a vida dos companheiros que iriam ficar tomando conta do

barco, acampados na margem do rio: dois índios Juruna e dois Kayabi. Kritão garantiu que todos nos acompanhariam. Depois de caminhar, em fila indiana, cerca de dez minutos, olhamos para trás e nem sinal de índios: Kritão justificou o desaparecimento dizendo que os índios haviam ficado com preguiça. Assim mesmo, fomos. Kritão havia dito que se caminhássemos depressa estaríamos nas aldeias antes do anoitecer. Só conseguimos alcançar a primeira aldeia na tarde do outro dia. Passamos uma fome danada, porque não havíamos levado arma de caça para não amedrontar os outros índios. Também não havíamos levado comida, apenas um pouco de sal. Kritão conseguiu flechar uma arara e fizemos fogo para assar a ave. Para cozinhar a arara é preciso, no mínimo, dez horas, ou cinco horas em panela de pressão. Mas, como estávamos com muita fome, assamos a arara. Nem mastigamos, mascamos a arara, de tão dura que estava.

### Bananas e saliva

No outro dia, de manhã, seguimos viagem, por um caminho cheio de ziguezagues mata adentro. Por volta das três horas da tarde, encontramos uma índia, com um cesto carregado de bananas. Kritão foi na frente e ela lhe deu uma penca. Depois, deu outras para nós também. Ficamos então sabendo que os índios desaparecidos haviam corrido na nossa frente para prevenir a aldeia da nossa chegada. Por isso, a índia já nos esperava com os cachos de bananas.

Caminhamos durante mais quarenta minutos e encontramos um pequeno rancho isolado dentro da mata. Aí morava um casal de velhos: Tayon e sua mulher. Tayon saiu ao nosso encontro com um bordão. Manteve-se sério, nos olhando desconfiado. A velha foi mais expansiva. Falava, gritava, cuspiam na mão e esfregava no nosso rosto. Os Txukarramãe davam muita importância à saliva. Ao esfregá-la em nosso rosto, adquiriam a certeza de que não faríamos mal nenhum à aldeia. Ela nos deu, então, uma cabaça de presente e Tayon, uma linda arara vermelha. Na outra aldeia, embora prevenidos, os índios nos receberam com uma correria danada. As mulheres fugiram. Os homens pegaram suas bordunas e se agruparam no meio do lugar. Na frente, ficou um índio com um buraco nos lábios. Tinha um botoque de madeira e usava bigode. Era muito agressivo, talvez o mais grave dos Txukarramãe. Kritão parou a uns 10 metros de distância e fez um discurso na língua Txukarramãe. Dizia que estávamos ali para dar presentes, que éramos diferentes dos outros caraíbas (brancos), que roubavam as mulheres e tiravam as terras dos índios. E pedia que deixassem a gente chegar perto. Deram alguns gritos e as

mulheres voltaram da mata. Havia mais ou menos duzentos índios.

Entre os índios que classificamos de hostis, os Txukarramãe são os mais importantes. Seu verdadeiro nome é Mekranganonti ou Metotire. São quase mil indivíduos ao todo. Estão atualmente divididos em dois agrupamentos próximos. Suas aldeias localizam-se nas cabeceiras de um afluente da margem esquerda do Xingu, na altura da cachoeira Von Martius. De modo geral, os Txukarramãe são altos e magros. As mulheres são notavelmente resistentes. Pintam-se com jenipapo, cobrindo quase todo o corpo nu. Os homens colocam botoques de madeira no lábio inferior perfurado. Furam também os lóbulos das orelhas. No pênis usam uma pequena peça afunilada, feita de folha de palmeira, cuja finalidade é ocultar e proteger a glândula.

Quando chegou a noite, naquele dia, resolvemos dormir e houve uma certa indecisão, por parte deles, sobre quando e como iríamos dormir. Eles não viam com bons olhos que dormíssemos juntos. Queriam que ficássemos separados. Eles dormiam no chão, com a cabeça apoiada em um pedaço de pau. Tive que dormir ao lado de um índio, a cabeça à altura de seus pés. A todo momento ele acordava e me olhava. Finalmente, pôs seu pé em cima do meu peito. Então puxei sua perna e a coloquei em cima da minha. Aí ele pôs o pé sobre meu ombro. Fiz o mesmo. E adormeci. No outro dia, Cláudio contou ter acontecido a mesma coisa com ele.

Naquela ocasião, conseguimos reunir, perto da cachoeira de Von Martius, 780 Txukarramãe. Como não trouxemos muitos presentes para as mulheres, elas começaram a brigar com os maridos e foram para o interior da mata. Mulher Txukarramãe não é brincadeira. Sua influência é muito grande dentro da comunidade, porque luta em condições iguais às do homem. É capaz de pescar, caçar, sobreviver em qualquer situação.

Nessa noite, ouvimos gritos na beira do rio. Chamamos então os dois índios Juruna que estavam conosco, Pauydê e Ludiga, e mandamos que fossem ver o que estava acontecendo. Meia hora depois, voltaram com a notícia de que as mulheres tinham ido embora e os homens estavam muito nervosos. Pediram que chamássemos as mulheres. Fui chamá-las e elas voltaram. No outro dia aconteceu a mesma coisa. Às onze horas da noite, sob um violento temporal, com relâmpagos e trovões, os homens começaram a gritar. De repente apareceram vinte Txukarramãe no nosso acampamento. Haviam atravessado a cachoeira a nado e traziam as bordunas amarradas às costas. Estavam muito sérios, pintados de preto. Quando começaram a gritar, Cláudio, eu, Pauydê e outros índios fomos de canoa até a outra margem para ver o que acontecia. ➔

«Os Txukarramãe davam muita atenção à saliva. Ao esfregá-la em nosso rosto, sabiam que não lhes faríamos mal.»



Orlando entre os Kamayorá, merecedor da confiança dos índios



Havia cerca de cem homens com tochas acesas nas mãos. Disseram que as mulheres estavam bravas e tinham ido embora. Pediram que fôssemos chamá-las. Entramos na mata por uma pequena trilha. Logo um índio me segurou pelo braço. Mas como os índios têm o hábito de andar de mãos dadas, não dei a menor importância. Quando a trilha se estreitou e não dava passagem para dois, tentei desvencilhar-me. O índio pegou minha mão e puxou-a para trás. Assustado, gritei para Cláudio. Aí chegou outro índio e ajudou a segurarme. Cláudio também gritou: tinha sido agarrado. Chamei então Pauydê, mas ele já estava seguro por quatro Txukarramãe. Assim, levaram-nos até o acampamento. Fizeram um fogo e nos rodearam, todos de borduna na mão. Quis fazer graça, conversar. Mas um deles enfiou a borduna na minha barriga e me empurrou. Mandaram novamente que a gente chamasse as mulheres. Comecei a gritar na língua Txukarramãe: "Mulheres voltem aqui. Não somos bravos. Vamos trazer presentes". Um deles gritou: "*Kubenkridi abakobim*" (matem os brancos). E todos repetiram "*Kubenkridi abakobim*".

Pauydê queria romper o círculo dos guerreiros e fugir. Se conseguisse, é certo que se salvaria, mas a gente, nunca. Para azar nosso, o fogo apagou. Desesperado, gritei: "Cláudio, você tem alguma arma?". Cláudio não tinha.

De repente, chegou uma velha. Fez-se silêncio. Os índios guardaram as bordunas e abriram o círculo. Alguém acendeu o fogo e deixaram que eu fosse ao encontro da velha. Ela cuspiu na mão e passou no meu rosto. Aí afastou-se, para voltar em seguida com as demais mulheres, 228 ao todo, com cinquenta ou sessenta crianças no colo. Depois ficamos sabendo que elas não haviam ido embora porque estava chovendo e isso dificultava a travessia do Xingu. Tinham levado toda a comida da aldeia e os homens estavam com fome. Ao voltar, tiraram beijos e nos deram. O que so-

brou, colocaram no chão e pisaram em cima. Não deram sequer um pedacinho para os homens. Tornamos então para a beira do rio e eles nos guiaram com tochas acesas. Só voltamos à aldeia três meses depois. E levamos muitos presentes para as mulheres.

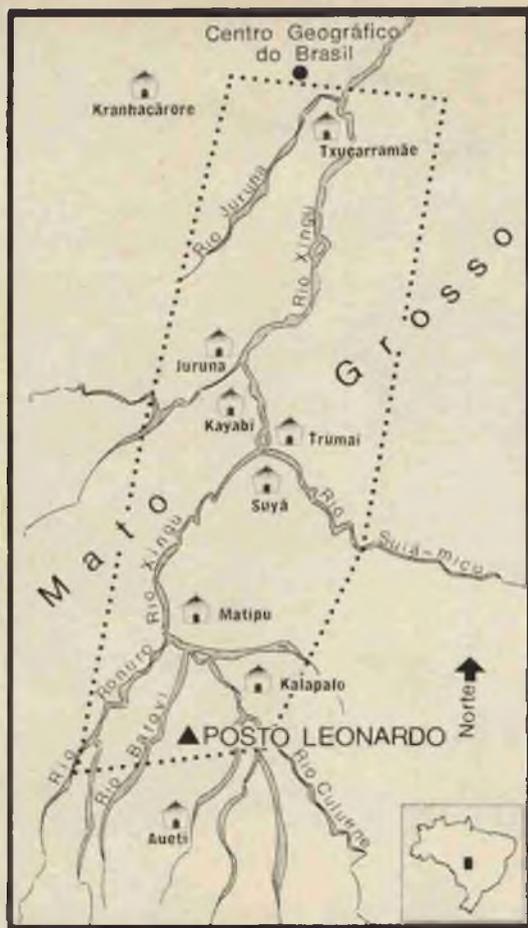
O ano de 1954 foi de grandes transtornos para nós. Não bastasse a nossa preocupação com os índios, surgiram os brancos gananciosos, aventureiros sem escrúpulos, apoiados por políticos da pior espécie. Protestamos nos jornais de São Paulo e do Rio contra a venda de terras indígenas. O Governo de Mato Grosso, por razões que prefiro não citar, começou a vender áreas do Alto Xingu. Foi uma briga danada.

Um ano depois, novo conflito com os brancos invasores. Tivemos de recorrer à força para afastá-los do Alto Kuluene. E uma epidemia de gripe atingiu o Xingu. Em compensação, nesse ano, pela primeira vez, recebemos apoio do Governo Federal para a criação de uma reserva indígena, conforme uma idéia que existia desde 1948. Nessa época, começamos a entrar em contato com povos de línguas diferentes, como Karib, Tupi, Aruak. E compreendemos que essas tribos, seus hábitos, costumes e suas terras deveriam ser preservados. Toda a margem esquerda do Xingu já era habitada por índios de boa índole, que ali viviam praticamente desde o Descobrimento. Seria um crime contra a humanidade acabar com a civilização indígena, roubando suas terras, corrompendo e destruindo toda uma estrutura social.

### Com os Txikão

Em 1956 fizemos nova expedição para contactar os Txikão. Eram índios não identificados, moradores do rio Jatobá, e que, periodicamente, incursionavam ao longo dos rios Batovi e Kurizevo, onde atacavam as aldeias Waurá, Meinaco e Nafuquá. Nesse ano estávamos promovendo o Quarup — festa em homenagem aos mortos — quando os Txikão apareceram na aldeia dos Aueti e atiraram flechas. Partimos em batelões e, apesar do nosso esforço, não conseguimos alcançá-los.

No ano seguinte, Cláudio retirou-se para Diauarum, na metade do atual Parque Nacional do Xingu, habitada, então, pelos índios Txukarramãe, Kayabi e Juruna. Para Diauarum, viriam depois os índios Suyá, contactados em 1959. Cláudio, ajudado pelos índios, iniciou o trabalho de abrir a picada Cachimbo—Cururu e encontrou sinais de índios desconhecidos, provavelmente os Kranhacãrore. No caminho, abriu dois campos de pouso: São Benedito e Divisor. No começo de 1958, Cláudio alcançou o rio Cururu e regressou para iniciar comigo uma nova expedição para contactar os índios Suyá.



Os Kamayorá contavam que os Suyá irromperam na região pelo rio Ronuro, entrando em luta com os Trumai. Assim, hostilizados, foram-se deslocando Xingu abaixo, permanecendo por muito tempo na altura da foz do rio Paranajuvá (Suyá-Miçu) onde os encontrou aldeados Von den Steiden, em 1884. Partimos ao encontro dos Suyá em 1959, quando começaram a aparecer no posto Diauarum, querendo amedrontar os Juruna, e houve conflito entre as duas tribos. Decidimos entrar, com uma canoa, junto com dois Juruna, no córrego dos Suyá, chamado Sokonti (Areia Branca).

Em terra, os Suyá nos ameaçaram com arcos e flechas; achamos melhor voltar para a embarcação. Tínhamos uma carabina. Disse então para um Juruna: "Se eles lançarem flechas, atirem na água para assustar". Descemos na barranca. Os Juruna voltaram as costas, porque eram inimigos. Os Suyá estavam todos de botoque. Começamos a tirar os volumes do barco. Pedi aos demais que ficassem quietos, porque era muito importante fazer esse trabalho com calma. Às vezes, um gesto brusco, uma palavra alta, bastam para provocar uma reação hostil do índio. Começamos, calmamente, a descarregar os caixotes com facões, machados e espelhos. Os índios permaneceram parados. Então mostrei um caixote para um deles e fiz sinal para que viesse ajudar. Ele veio. Cinco minutos depois, estávamos de braços cruzados e os Suyá descarregavam o barco. Colocamos os caixotes à sombra de uma árvore e eles foram buscar as mulheres, que chegaram rindo. Corremos atrás delas. Consegui agarrar uma, pus um colar no seu pescoço, virei as costas e

**As tribos da região falam principalmente o jê (Txucarramãe e Suyá) e o tupi-guarani (Kamayorá, Auebi)**

voltei. Ela veio atrás. Mandei que buscasse as outras mulheres. Elas vieram. Foi um contato sem nenhum incidente, maravilhoso.

Em 1960, fomos encarregados de marcar o centro geográfico do Brasil. O Exército nos forneceu o levantamento aerofotogramétrico da região, o que facilitou bastante nosso serviço. Abrimos uma picada rigorosamente reta, de 17.900 metros, começando na cachoeira de Von Martius. Verificamos que no coração do Brasil encontrava-se um resistente jatobá. Esse local hoje está abandonado e o marco de madeira ainda espera o dia da inauguração. O centro geográfico do Brasil está hoje dentro de uma fazenda particular.

Em 1961 foi criado o Parque Nacional do Xingu, salvação, talvez, do índio xinguan. Vínhamos lutando, há muitos anos, pela criação desse parque, junto com gente ilustre, como a dra. Heloísa Alberto Torres, o marechal Rondon, o brigadeiro Aboim, Eduardo Galvão, José Maria da Gama Malcher, Darcy Ribeiro, Café Filho, Noel Nutels e Jorge Ferreira. O Governo brasileiro, ao criar o parque, procurou cumprir dois importantes objetivos: constituir uma reserva natural onde a fauna e a flora intocadas guardassem, para o futuro, um testemunho do Brasil do Descobrimento; e, sobretudo, fazer chegar diretamente às tribos da região sua ação protetora, prestando-lhes assistência e defendendo-as de contatos prematuros e nocivos com as frentes de ocupação da sociedade nacional.

O Parque Nacional do Xingu teve sua superfície aumentada em 1968 por iniciativa do ministro do Interior, general Albuquerque Lima, para 26.000 km<sup>2</sup>. Fica no Norte de Mato Grosso, numa zona de transição entre o Planalto Central e a Amazônia. Nessa região plana, predominam as matas altas entremeadas de cerrados e campos. É cortada pelos formadores do Xingu e pelos seus primeiros afluentes, os rios Suyá-Miçu, Maritsauá-Miçu, Uaiá-Miçu, Auaiá-Miçu e Jarina.

### Posto Leonardo

Ainda em 1961 resolvemos dinamizar a parte norte do Parque. Mas Leonardo ficou muito doente. Estava enfraquecido pelas doenças tropicais e pelas privações. Um reumatismo crônico provocou lesão cardíaca. Trouxemos Leonardo para São Paulo e ele se submeteu a uma operação: a cirurgia não conseguiu salvá-lo e morreu de miocardite reumática. Em 1962, o Posto Capitão Vasconcelos passou a chamar-se Posto Leonardo Villas Boas.

Nosso contato seguinte com índios hostis ocorreu em outubro de 1964. Utilizando um avião da Universidade de Brasília, localizamos a aldeia dos Txikã e pousamos perto. No rio Jatobá, onde os conhecemos, verificamos que

formavam um grupo pequeno mas muito ativo. Os Txikão eram muito magros. Não havia entre eles um só gordo ou musculoso. A estatura, mediana. Baseavam sua subsistência na caça, pesca e coleta, mais que na atividade agrícola. Eram nervosos e irrequietos, reagindo prontamente a qualquer estímulo ou situação nova. Mas nosso contato com eles foi surpreendentemente fácil. Hoje, os Txikão encontram-se aldeados perto do Posto Leonardo, às margens do rio Tuatuari.

### E nasceu a Funai

Finalmente, em 1967, foi extinto o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Criado em 1910, o SPI, enquanto esteve diretamente ligado ao marechal Rondon, cumpriu seus objetivos. Depois, com o tempo, passou a ser controlado mais por políticos do que por indigenistas e conheceu sua fase negra. O ministro Albuquerque Lima mandara fazer uma sindicância no órgão, em consequência das notícias de matanças de índios. Depois do inquérito, decidiu extinguir o SPI e propôs a criação de outra entidade. Nasceu assim a Fundação Nacional do Índio (Funai). Fui indicado para presidi-la. Recusei por não acreditar que tivesse condições para fazer uma boa administração. Hoje aceitaria o cargo, porque os presidentes que assumiram sucessivamente revelaram quase total ignorância do assunto "índios", com a possível exceção de Queiroz Campos. Seu substituto foi o general Oscar Gerônimo Bandeira de Mello: nunca um presidente da Funai teve tanto apoio do Governo Federal como ele, mas também nenhum presidente fez tão má administração. Posso dizer, sem susto algum, que o general Bandeira de Mello implantou o processo mais eficaz e rápido de extinção do índio brasileiro. Agora, o general Ismarth de Araújo Oliveira, seu substituto, representa uma esperança de salvação.

A nossa grande expedição de contatação começou em fins de 1968 e início de 1969. Íamos ao encontro dos Kranhacãrore, que os índios do Xingu diziam ser gigantes. Inicialmente fizemos uma extensa picada pelos rios Maritsauá, Peixoto de Azevedo e Samaúma. Não encontramos dessa vez os Kranhacãrore, mas não podemos dizer que a expedição fracassou. Não se fazem esses contatos a toque de caixa. Rondon demorou dez anos para pacificar os Bororos. Levou mais de cinco anos para contactar os Xavantes; e com os Txukarramãe, demoramos quatro anos. É um processo moroso, cheio de idas e vindas. É o caso, agora, dos Waimiris-Atroaris. Eles devem ser abandonados, por um período de três a quatro meses. Depois, procurarão por iniciativa própria o posto da Funai, porque sentirão falta dos presentes que recebiam. Todos os índios bravos

reagem da mesma forma. Na verdade, estão lutando em defesa de suas terras, contra a invasão dos brancos. E a morte do sertanista Gilberto Pinto é apenas um ato isolado. Não foi a aldeia em comum que planejou matar Gilberto e seus acompanhantes. Foi um índio só, uma decisão puramente individual.

Os Kranhacãrore, que tínhamos visto pela primeira vez em 1950, haviam sido rechaçados na base de proteção ao vôo de Cachimbo, pouco antes dessa expedição de 1968. Foram procurar o branco, movidos pela curiosidade. Vieram pelo meio da pista. Se fosse para atacar, viriam camuflados. Por azar, quando se aproximavam, um sargento os viu, se apavorou e avisou um avião, pronto para aterrar, de que o posto estava sendo atacado pelos índios. O avião deu várias rasantes e eles fugiram. Em consequência desse incidente, o Ministério da Aeronáutica solicitou ao ministro do Interior que fosse estabelecido contato com os índios. Subimos o rio Maritsauá, fizemos uma picada até o rio Peixoto de Azevedo e descermos, depois de fazer um campo de pouso. Já tínhamos entrado em contato indireto com os Kranhacãrore: eles retiraram vários presentes que deixamos pelas picadas, como facões, machados e panelas.

A expedição só recomeçaria em 1972. Nesse meio tempo, transferimos os índios Beigo-de-pau, da família Suyá, que estavam sendo acosados por fazendeiros, para o Parque. Trouxemos todo o grupo, cerca de cinquenta índios. Hoje estão bem; formam um grupo respeitável e bastante unido, que vive em Diauarum.

Com a abertura da Cuiabá—Santarém, fomos novamente chamados para contactar os Kranhacãrore e formar a vanguarda da topografia. Partimos, não tanto para pacificar os Kranhacãrore, mas para evitar que fossem vítimas eventuais de atritos com os trabalhadores. Essa segunda expedição começou em janeiro, em Cachimbo. A chuva era a principal dificuldade a vencer. A caminhada prosseguia lenta. Usando apenas facões e machados, as picadas iam sendo abertas. Descansávamos em acampamentos improvisados no meio da mata.

Os primeiros sinais dos Kranhacãrore começaram a surgir dois meses depois de iniciada a expedição. À medida que avançávamos, os vestígios eram mais constantes: ramos quebrados, rastros, gritos no meio da mata. Sentíamos a iminência de um contato quando um trabalhador do 9.º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção) encontrou-se com os índios, atirou e foi flechado. Depois de quase seis meses, abandonamos o acampamento e subimos o rio Peixoto de Azevedo. Foi em outubro, no dia 4, que os índios gigantes apareceram na outra margem do rio e retiraram os presentes colocados num tapiri.

Dois semanas depois surgiu um grupo numeroso, mais de cinquenta indivíduos. Fala-

«Foi em outubro, no dia 4, que os índios gigantes apareceram na outra margem do rio e retiraram os presentes.»

«Se se fizer uma comparação com os índios, os civilizados são uma sociedade sofrida. Mas o índio parou no tempo e no espaço.»



vam alto e gesticulavam muito. Cláudio conseguiu aproximar-se 10 metros de um casal, que o ameaçou, o homem retesando um arco. Depois, ambos fugiram. O contato definitivo com os Kranhacãore só ocorreu em fevereiro de 1973. Consolidado o contato, abandonamos o rio Peixoto de Azevedo. Os Kranhacãore começaram então a freqüentar a estrada Cuiabá—Santarém. Diz-se até que foram induzidos ao homossexualismo por um funcionário da Funai. Seja como for, o general Ismarth de Araújo Oliveira, presidente da Funai, decidiu transferi-los para o Parque Nacional do Xingu. Agora, vivem afastados do contato com os homens brancos, numa aldeia preparada pelos índios Kayabi, entre os postos Leonardo e Diauarum.

Essa foi a nossa mais recente expedição em busca de índios desconhecidos. Agora, nem Cláudio nem eu pretendemos assumir qualquer compromisso que exija permanência longa na selva. Não estamos mais em condições. Por outro lado, existe o problema, ainda não resolvido, de nossas aposentadorias.

Ficamos 32 anos na selva. Nossa recompensa maior é a simpatia com que somos recebidos em qualquer lugar, por qualquer pessoa. Para os índios, tanto demos quanto recebemos. Se, hoje, a gente fizer um paralelo entre as duas civilizações, as duas humanidades, como diz Lévy-Strauss, podemos dizer que os civilizados constituem uma sociedade sofrida. O índio, por sua vez, estacionou no tempo e no espaço. O mesmo arco que ele faz hoje, seus antepassados faziam há mil anos. Se eles pararam nesse sentido, evoluíram quanto ao comportamento do homem dentro da sua sociedade. O índio em sua tribo tem um lugar estável e tranqüilo. É totalmente livre, sem precisar dar satisfações de seus atos a quem quer que seja. Toda a estabilidade tribal, toda a coesão, está assentada num mundo mítico. Que diferença enorme entre as duas humanidades: uma, tranqüila, onde o homem é dono de todos os seus atos; outra, uma sociedade em explosão, onde é preciso um aparato, um sistema repressivo para poder manter a ordem e a paz dentro da sociedade. Se um indivíduo der um grito no centro de São Paulo, uma rádio-patrolha poderá levá-lo preso. Se um índio der um tremendo berro no meio da aldeia, ninguém olhará para ele, nem irá perguntar por que ele gritou. O índio é um homem livre.

#### Os costumes no Xingu

Nada de essencial mudou no Xingu. Tudo permanece aparentemente na mesma situação encontrada pelo etnólogo Karl von den Steiden em 1877. A única alteração constatável, do século passado até a época da nossa chegada, foi o desaparecimento de quase a metade de

seus habitantes, em consequência dos primeiros e violentos surtos gripais, disentéricos e de outras moléstias infecciosas irrompidas na região há trinta anos, aproximadamente.

Das tribos indígenas que ocupam a área do Xingu, onze vivem hoje tão intimamente interligadas que poderiam ser consideradas uma única nação, embora quase todas falem língua própria.

Seus hábitos são os mesmos; organizam-se identicamente; possuem em comum as mesmas crenças e superstições; realizam festas e ritos cerimoniais perfeitamente semelhantes, no fundo e na forma. E têm, sobre todas as coisas e aspectos da vida e do mundo, as mesmas concepções. O ritmo, a natureza e o ciclo das atividades, em geral, são praticamente um só em todas as aldeias. Há até mesmo uma estreita semelhança psicológica entre os membros de várias tribos. As particularidades anulam-se em face das inúmeras correspondências e relações que igualam e vinculam os vários grupos entre si, dando ao seu conjunto um perfeito ar de família. Laços de toda natureza concorrem para essa homogeneidade. São, por exemplo, tão intimamente interligados em suas atividades religiosas que algumas das suas mais importantes festas só podem ser realizadas por uma determinada tribo com a obrigatoria participação de outra. No plano social, as relações mútuas se concretizam nos freqüentes casamentos intertribais.

As aldeias do Xingu também se unem — e agora ainda mais — em ocasiões de luta. Nesse caso, observamos que as tribos se unem para ajudar, não esperando recompensa. O desejo de ajudar nasce de uma instintiva necessidade de defesa comum. Na prática, as tribos do Xingu formam uma legítima "sociedade de nações" relativamente mais perfeita do que a sua congênere civilizada. É que, ao contrário desta, na sociedade dos índios não há preponderância dos mais fortes, nem submissão dos mais fracos. Há, isto sim, um perfeito equilíbrio e respeito entre seus co-participantes. Vivem todos sob um regime de mútua e benéfica dependência.

Estamos velhos, cansados. Esperamos agora apenas a aposentadoria, que está difícil. Mas vai sair. Por isso, estamos planejando a nova vida: vamos escrever, fazer conferências, transmitir o pouco que sabemos do índio. O índio já tem consciência de que constitui um problema para os civilizados. Mas é a nós que cabe, naturalmente, encontrar a solução, porque o índio brasileiro desaparecerá se não forem adotadas medidas imediatas para garantir a sua sobrevivência.

*Helmut Tullner*



“... e cabe a nós encontrar a solução. O índio brasileiro desaparecerá se não se encontrarem medidas para a sua sobrevivência.”

